

JÁ TOMOU SUAS PILULAS HOJE? UM BREVE ENSAIO SOBRE A DINÂMICA E OS IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS PSICOFARMACOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

HAVE YOU TAKEN YOUR PILLS TODAY? A BRIEF ESSAY ABOUT THE DYNAMIC AND THE IMPACTS OF CONTEMPORARY PSYCHOPHARMACOLOGICAL TECHNOLOGIES

Victor Pimentel Ferreira

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ) e graduado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU/UFRJ) e coordenador do Instituto de Outros Estudos (IOE). Tem interesse nas áreas da sociologia pragmática e em temas relacionados à organização. E-mail: victor.pimentelferreira@gmail.com

Resumo: O presente texto tem por objetivo realizar uma análise sucinta acerca do documentário "Take Your Pills" (2018), dirigido por Alison Klayman, relacionando as temáticas abordadas neste com assuntos e questões presentes em dois textos ligados ao campo da sociologia da ciência: "A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI" (Paulus, 2013), de Nikolas Rose; e "Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora" (Unesp, 2011), de Bruno Latour.

Palavras-chave: Ciência. TDAH. Cérebro. Remédios.

Abstract: The present text aims to carry out a succinct analysis of the documentary "Take Your Pills" (2018), directed by Alison Klayman, relating the themes addressed in it with issues present in two texts related to the field of sociology of science: "The politics of life itself: biomedicine, power and subjectivity in the 21st century" (Paulus, 2013), by Nikolas Rose; and "Science in Action: how to follow scientists and engineers throughout society" (Unesp, 2011), by Bruno Latour.

Keywords: Science. ADHD. Brain. Medicines.

Já tomou suas pilulas hoje? Um breve ensaio sobre a dinâmica e os impactos das tecnologias psicofarmacológicas contemporâneas

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise sucinta acerca do documentário "Take Your Pills" (2018), dirigido por Alison Klayman, relacionando as temáticas abordadas neste com assuntos e questões presentes em dois textos ligados ao campo da sociologia da ciência: "A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI" (Paulus, 2013), de Nikolas Rose; e "Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora" (Unesp, 2011), de Bruno Latour. Assim, o trabalho será dividido em três seções, tendo como base os eixos temáticos respectivos a cada autor.

Dessa forma, a primeira parte tratará especificamente sobre a trama do documentário, utilizando como pano de fundo as reflexões de Rose e outros autores a respeito do surgimento de um fenômeno de suma importância nas sociedades ocidentais contemporâneas: a emergência de "si-mesmos neuroquímicos". A segunda seção, por sua vez, focará nas controvérsias existentes dentro do âmbito das tecnologias psicofarmacológicas – ainda que os discursos que associam distúrbios comportamentais e disfunções cerebrais estejam se consolidando gradativamente (e, assim, conformando novas práticas de intervenção clínica), o documentário nos dá indicações de que muitos elementos considerados "fatos" (como os diagnósticos de TDAH, a eficiência dos psicoestimulantes, etc.) estão, na verdade, inseridos em amplos processos de intensas discussões e debates acerca da validade e do protagonismo dos mesmos. Neste sentido, partindo de certos conceitos elaborados por Latour em suas investigações, tal seção também procurará evidenciar os diferentes artifícios utilizados por setores da psiquiatria ligados à produção de fármacos a fim de manter sua hegemonia no âmbito das práticas de intervenção médica. Por fim, na terceira seção, são explicitadas algumas considerações finais.

A EMERGÊNCIA DOS "SI-MESMOS NEUROQUÍMICOS"

Em "A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século

XXI”, Nikolas Rose (2013) se debruça sobre a questão do desenvolvimento da tecnologia biomédica e os seus impactos não só para a dinâmica das relações sociais, como também para a forma como as pessoas enxergam, interpretam e falam a respeito de sua própria realidade. Segundo o autor, o aumento das possibilidades de intervenção médica oriundo do incremento tecnológico das últimas décadas alterou radicalmente a maneira como os indivíduos lidam com a sua cognição, humor, volição etc., conformando, assim, um novo tipo de sujeito – o “si-mesmo neuroquímico”.

Dessa forma, Rose busca inicialmente analisar de maneira crítica os discursos psicológicos e psiquiátricos disseminados ao longo do século XX. O autor detecta que, nas sociedades ocidentais até mais ou menos os anos 1960, houve uma intensa proliferação de práticas e discursos típicos do campo da Psicologia que configuravam os indivíduos como sujeitos possuidores de um “profundo espaço psicológico interior” (ROSE, 2013, p. 263). Assim, eles passam a se enxergar como dotados de determinadas estruturas psicológicas e começam a agir sobre si mesmos através dessa ótica. Neste contexto, outros processos também se desenrolam, como, por exemplo, a difusão das psicoterapias, a disseminação de testes de orientação vocacional etc.

Entretanto, ao longo da segunda metade do século XX, Rose identifica que a maior parte dos indivíduos inseridos nas sociedades ocidentais transformou-se em sujeitos somáticos – isto é, em pessoas que se compreendem e agem sobre seus corpos a partir da biologia. Dessa forma, as modulações relativas ao comportamento, emoções, desejos etc. começaram a ser interpretadas em termos do funcionamento de determinadas estruturas orgânicas do corpo do indivíduo, em especial o cérebro. Assim, Rose argumenta que o desenvolvimento da psiquiatria biológica neste contexto colaborou para a formação de novas verdades sobre a nossa personalidade, uma vez que trouxe à tona novos atores sociais não-humanos e entidades fundamentais, como, por exemplo, o cérebro químico, cujas funções e atividades agora podem ser monitoradas e estudadas a partir do incremento de sistemas de modelos experimentais e técnicas investigativas específicas (análises químicas de fluidos corporais, escaneamento PET, etc.).

Para o autor, a emergência de tais entidades permitiu o aprofundamento de estudos relativos à neuroanatomia, conformando, assim, um processo cada vez mais intenso de molecularização das pesquisas biológicas – ou seja, possibilitou análises extremamente detalhadas acerca de funções e estruturas fisiológicas, promovendo um “aplainamento

da distância entre a conduta e sua base orgânica” (ROSE, 2013, p. 271). Neste sentido, há uma reformulação da imagem do cérebro e de suas capacidades – o que baseia a neurociência contemporânea – e, por conseguinte, a criação de novas práticas de intervenção terapêutica fundamentadas na ampla utilização de um dos atores sociais mais importantes de todo este contexto: os psicofármacos.

Aliados a este processo de remodelação das tecnologias de verdade psiquiátrica capitaneado pela questão da molecularização gradativa, os fármacos se tornaram os baluartes de um movimento de intervenção médica que objetiva, fundamentalmente, a precisão e a seletividade. Diferentemente do período inicial da história da psiquiatria, os remédios produzidos a partir da segunda metade do século XX não visam reprimir ou normalizar o “louco” ou o “depravado”, mas sim realizar pequenos ajustes orgânicos que auxiliem o indivíduo em suas tarefas cotidianas. Dessa forma, Nikolas Rose sugere que tais psicofármacos “participam de uma economia política da esperança” (ROSE, 2013, p. 292) – o objetivo manifesto em sua ação, e presente nas propagandas sobre eles, é possibilitar que o sujeito retome o controle de si mesmo através da química e possa racionalmente otimizar suas capacidades.

Neste ponto, vale a pena abrirmos um pequeno parêntese na discussão sobre o texto de Rose e ancorarmos o presente trabalho também em discussões promovidas por outros autores. No campo da teoria social, não são poucos aqueles que, nos últimos anos, erigiram diagnósticos que estabelecem ligações entre as alterações recentes na ordem político-econômica, a “popularização” de determinadas patologias e o aumento vertiginoso do consumo de medicamentos. O filósofo sul-coreano Byung Chul-Han (2015), por exemplo, argumenta que “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2015, p. 14). Nela, os sujeitos não mais obedeceriam a um poder externo, cuja manifestação principal se efetivava no registro da proibição e da inibição, mas sim a um tipo de injunção fortemente internalizada e direcionada para o “projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 14), assim como para o “desejo de maximizar a produção” (HAN, 2015, p. 15) ininterruptamente.

Segundo o autor, neste cenário, cujas bases são informadas pelo desenvolvimento do neoliberalismo, não seria exagerado dizer que vivemos em uma “sociedade do cansaço”, marcada por um “excesso de positividade” (HAN, 2015, p. 18) e pela “explosão” de pato-

logias como a Síndrome de Burnout, que expressa o “si-mesmo esgotado” (HAN, 2015, p. 16), e a depressão, que “irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais poder” (HAN, 2015, p. 16). Junto a elas, o transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH) e o transtorno de personalidade limítrofe (TPL) comporiam “a paisagem patológica do começo do século XXI” (HAN, 2015, p. 7).

Em consonância com tais reflexões, o sociólogo Gabriel Peters (2021) argumenta que o atual “vasto contingente de deprimidos é um produto sócio-histórico do tipo de dinâmica coletiva em que nos vemos mergulhados” (PETERS, 2021, p. 82). Tal dinâmica, por sua vez, é constituída por uma “exigência normativa de autorrealização” (PETERS, 2021, p. 73) que se coloca como um “imperativo sistêmico do próprio modo de funcionamento do novo capitalismo” (PETERS, 2021, p. 73). Diante dessa paisagem catastrófica, na qual a atividade se torna “o critério axiológico decisivo para que um indivíduo seja imbuído de valor segundo o novo espírito do capitalismo” (PETERS, 2021, p. 76), o tempo de vida dos atores sociais se torna completamente voltado para o atendimento das exigências desse mesmo imperativo de individualidade, caracterizado por uma disponibilidade permanente para o trabalho, denominado por Jonathan Crary (2016) como “24/7”. Para o autor, um mundo em que o indivíduo precisa estar disponível 24 horas por dia ao longo de sete dias por semana – ou seja, a todo momento – representa um modelo “de desempenho maquínico e uma interrupção da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia” (CRARY, 2016, p. 13). Não é de se estranhar que esse custo, do qual fala Crary, possa ser encontrado no desenvolvimento de um “novo espírito da depressão” (PETERS, 2021) em que tal patologia aparece como a “narrativa padrão de sofrimento no ocidente neoliberal” (DUNKER, 2021, p. 76) e a “moeda reversa” (PETERS, 2021, p. 71) da “subjetividade empreendedora” e da “mitologia da autorrealização” (EHRENBERG, 2010, p. 11).

Assim, a “sociedade do cansaço [...] desdobra-se lentamente numa sociedade do doping” (HAN, 2015, p. 37) – isto é, em uma sociedade na qual “o homem como um todo se transforma numa máquina de desempenho, que pode funcionar livre de perturbações e maximizar seu desempenho” (HAN, 2015, p. 37). No momento em que a vida

social se torna uma "aventura empreendedora [...] em relação à qual faltam frequentemente os reparos e os meios institucionais que permitiriam a qualquer um enfrentá-la" (EHRENBERG, 2010, p. 14), os medicamentos emergem como elementos de grande relevância tanto para o cumprimento das demandas de autorrealização quanto para a possibilidade de suportar os custos psíquicos ¹ imanentes ao neoliberalismo enquanto "uma forma de vida" (DUNKER, 2018, p. 284). Como adiantado acima, a utilização desses psicofármacos contribui para a elaboração de "uma nova visão do cérebro, não mais como programado e estático, mas como dinâmico e ativo, um sistema adaptável altamente eficiente, direcionado para a evolução e a mudança" (SACKS, 2006, p. 10).

É interessante notar como a questão dos medicamentos trabalhada neste texto ressoa de certa maneira algumas reflexões levadas a cabo por Michel Foucault (2001). No conjunto de aulas que compõem o livro "Os anormais", o filósofo francês argumenta que "uma das grandes invenções do século XVIII" (FOUCAULT, 2001, p. 59) reside no fato de que "a peste substituiu a lepra como modelo de controle político" (FOUCAULT, 2001, p. 59). No modelo social de "exclusão dos leprosos", a coletividade estabelecia a expulsão do indivíduo acometido pela lepra a fim de proteger a comunidade e garantir sua purificação. Desta maneira, esse arranjo do controle social se baseava fundamentalmente em práticas e mecanismos de "exclusão, de desqualificação, de exílio, de rejeição, de privação, de recusa, de desconhecimento" (FOUCAULT, 2001, p. 54).

O cenário começa a mudar significativamente a partir do século XVIII, época em que se inicia o processo de transformação do modelo de "exclusão dos leprosos" para o conjunto de técnicas que compõem a "inclusão do pestífero". Em relação ao problema da peste, vemos um outro tipo de poder atuando – "não se trata de expulsar, trata-se ao contrário de estabelecer, de fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças [...] controladas" (FOUCAULT, 2001, p. 57). Diferentemente do leproso, o indivíduo que contrai a peste não é afastado ou excluído da comunidade, mas sim integrado de maneira distinta. A prática atual de estabelecimento de quarentena e medidas de isolamento social para o tratamento e prevenção da Covid-19 emula esse tipo de comportamento coletivo. No modelo de controle da cidade empestada, o poder se manifesta por meio de "uma tentativa para maximizar a saúde, a vida, a longevidade, a força dos indivíduos" (FOUCAULT, 2001, p. 58) efetivada de acordo com "um campo de regularidade, no interior do qual vai

¹ Afinal, como colocado, por Cray: "No paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracos" (2016, p. 17).

se avaliar sem cessar cada indivíduo, para saber se está conforme à regra, à norma de saúde que é definida” (FOUCAULT, 2001, p. 58).

De acordo com as ideias elaboradas acima por diferentes autores, podemos dizer que o “normal” do neoliberalismo compreende todo um tipo de experiência social pautada pela lógica do empreendedorismo, pela necessidade da “alta performance” ininterrupta e pelo imperativo sistêmico de autorrealização individual. Logo, todos aqueles comportamentos que, mesmo minimamente, representem “desvios de rota” estão suscetíveis a serem enquadrados na categoria de “anormalidades” que demandam uma forma de controle muito parecida com a “inclusão do pestífero” desenvolvida por Foucault (2001). Ainda segundo o filósofo francês, a transição do modelo da lepra para o modelo da peste “corresponde a um processo histórico importantíssimo [...], [a] invenção das tecnologias positivas de poder” (FOUCAULT, 2001, p. 59). O caráter positivo da reação à peste diz respeito a um conjunto de práticas de “inclusão, de observação, de formação de saber, de multiplicação dos efeitos de poder a partir do acúmulo da observação e do saber” (FOUCAULT, 2001, p. 59-60). Neste sentido, no arranjo do controle social baseado na peste, o poder se manifesta por meio do enquadramento dos “anormais” e da operacionalização de dispositivos de “normalização” (FOUCAULT, 2001, p. 61). Não poderíamos dizer que o desenvolvimento da indústria psicofarmacológica, a popularização de determinados diagnósticos psiquiátricos e a utilização massiva de medicamentos constituem processos históricos responsáveis pela conformação de “novas tecnologias de poder”, como colocado por Foucault? Ainda em consonância com ele, estaríamos vivendo um novo modelo de controle social ou apenas uma reatualização do modelo da peste?

É exatamente a partir desse contexto que se desenvolve o enredo de “Take Your Pills”. No documentário, acompanhamos brevemente a história da elaboração de determinados remédios – como a Ritalina e o Adderall – e a trajetória individual de usuários e ex-usuários de tais substâncias. Corroborando a argumentação de Rose, as falas desses indivíduos mostram como os psicofármacos – em especial os estimulantes – se popularizaram nos últimos anos em diversos espaços, principalmente no meio universitário, tornando-se uma solução “normal” para sujeitos que precisam maximizar seu potencial em um certo período de tempo. Isso fica bastante claro na fala da estudante Ariana, que,

ao chegar no College Sophomore, se surpreendeu ao perceber que praticamente todos os alunos tomavam Adderall – inclusive, seus pais já haviam alertado-a anteriormente sobre a necessidade de guardar seus comprimidos com segurança, evitando o furto e o contrabando deles.

Além disso, "Take Your Pills" também nos apresenta dois casos de pessoas que utilizam Adderall e Ritalina desde a infância devido ao fato de terem sido diagnosticadas com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade). Em sua pesquisa, Rose argumenta que o surgimento de tal transtorno na gramática dos diagnósticos psiquiátricos "revela um processo mais complexo da produção entrecruzada do distúrbio e de seu tratamento" (ROSE, 2013, p. 292), constituindo um ótimo exemplo do processo de molecularização do olhar psiquiátrico e da formação de uma associação entre comportamentos "desviantes" e disfunções neuroquímicas.

Dessa maneira, partindo das diferentes trajetórias individuais e das situações de uso de psicoestimulantes apresentadas durante o documentário, podemos concluir, junto com Nikolas Rose, que vivemos em uma era da "neuropolítica" – ou seja, experienciamos um momento no qual todas as patologias ou distúrbios devem passar necessariamente por uma espécie de explicação cerebral. Assim, os discursos psicológicos do início do século XX não são extintos, mas sim reformulados de acordo com o funcionamento do cérebro químico – as emoções, sentimentos e desejos individuais são todos reinterpretados nos termos da gramática das funções cerebrais.

Neste sentido, como já mencionado anteriormente, a neuropolítica também conforma uma nova prática de intervenção – os remédios, que se tornam atores centrais "para as formas pelas quais nossa conduta é gerenciada, por outros e por nós mesmos" (ROSE, 2013, pág. 309). Dessa forma, corroborando a fala da cientista política Wendy Brown presente no documentário, é interessante notar que a popularização do uso de psicoestimulantes dialoga perfeitamente com outro fenômeno fundamental das sociedades ocidentais nas últimas décadas (e citado acima) – a saber, a emergência de uma racionalidade neoliberal, cuja principal característica reside na "generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação" (DARDOT, LAVAL, 2016, pág. 17).

CIÊNCIA EM AÇÃO

No entanto, como a utilização de psicofármacos, em especial psicoestimulantes, se tornou algo tão comum e corriqueiro nas sociedades ocidentais atualmente? Apesar de inúmeros relatos de usuários e ex-usuários atestarem os seus efeitos (melhora no desempenho, aumento da concentração etc.), o sucesso de tais remédios não pode ser reduzido unicamente à sua eficiência (que também pode, e deve, ser questionada). Um autor que pode nos auxiliar a desvendar os diferentes elementos responsáveis pela ampla disseminação desses artifícios é o sociólogo Bruno Latour.

Categorizado como parte das “novas sociologias” ou “sociologias pragmáticas” (TRABAL, 2012) emergentes a partir da década de 1980, o trabalho do sociólogo francês também pode ser inserido em um movimento maior de “virada praxiológica” no campo da sociologia em geral, movimento esse que denomina o desenvolvimento de teorias que se “ancoram [...] em uma *ontologia processual* que toma o mundo social como domínio de *práticas*” (PETERS, 2020, p. 2, grifos do autor). Em suas pesquisas sobre a dinâmica do meio científico, Latour procura elaborar uma metodologia - a Teoria do Ator-Rede (ANT) - que o permita acompanhar a atividade cotidiana dos cientistas e engenheiros e, assim, possibilite a construção de uma visão privilegiada em relação aos tipos de associações formadas pelos atores sociais em questão. Neste sentido, a adoção de tal postura, típica da ANT, colabora para a criação de uma percepção ampliada a respeito dos diferentes elementos agregados no processo de construção de fatos.

O próprio documentário nos dá algumas indicações sobre esse tema. Ao tratar brevemente sobre a história da Ritalina, “TakeYour Pills” mostra que a popularização deste fármaco está estreitamente ligada a um movimento de união de interesses de diferentes atores sociais inseridos neste contexto: os cientistas, interessados na disseminação dos resultados de seus experimentos; os setores ligados ao mercado farmacológico, que viam nesses novos remédios ótimas oportunidades de lucro²; e os diretores de escolas, que objetivavam impor de maneira mais intensa a disciplina e o rigor para os seus alunos. Além disso, a fim de transformar a Ritalina em uma caixa-preta – isto é, em um fato –, outros atores sociais não-humanos também foram recrutados, como, por exemplo, experimentos com placebo e Ritalina ministrados a alguns alunos de determinados colégios;

² Afinal, como colocado, por Crary: “No paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracacos” (2016, p. 17).

escala de avaliação (criada por Keith Conners) para auxiliar médicos no diagnóstico de transtornos relacionados a falta de atenção nas crianças etc.

Assim, partindo das reflexões de Latour, poderíamos argumentar que as movimentações comentadas acima representam traduções – isto é, estratégias que buscam fornecer novas interpretações aos interesses dos atores em questão a fim de canalizar sua participação e seus esforços para direções diferentes. Para o autor, tais ações são necessárias, uma vez que, para sustentar alguma alegação, o construtor de fatos depende do comportamento de outras pessoas e da forma como elas vão disseminar sua afirmação ou experimento. Dessa forma, fica claro que o cientista está a todo momento lidando com um problema fundamental, a saber, a questão de como se propagar no tempo e no espaço. Segundo Latour, para atingir tal objetivo, o construtor de fatos deve realizar dois movimentos: alistar outras pessoas, através das diferentes técnicas de tradução (criação de atalhos, remanejamento de interesses e objetivos etc.), e controlar à distância a conduta delas.

Ao discorrer de maneira sucinta sobre a história da popularização da Ritalina e do Adderall, o documentário nos fornece ótimos exemplos sobre movimentos de traduções, como os já expostos acima. Ainda em “Take Your Pills”, o jornalista Alan Schwarz também mostra como até mesmo o nome do distúrbio relacionado à falta de atenção (o TDAH) também passou por certos ajustes a fim de conseguir atingir, de maneira não tão agressiva, o público interessado na utilização dos fármacos recomendados para o tratamento deste transtorno. Além disso, estratégias de entrelaçamento de interesses de atores sociais heterogêneos também ficam evidentes nas campanhas de publicidade sobre psicoestimulantes nos EUA. Os exemplos retratados no documentário mostram que as propagandas aliavam diagnóstico molecularizado, intervenção precisa e seletiva e promessas de melhora do desempenho da criança (notas boas, maior proatividade, comportamento mais “tranquilo”), configurando, assim, um discurso extremamente sedutor para pais, alunos e diretores.

As elaborações teóricas de Latour em conjunção com as informações trazidas pelo documentário podem ajudar também na compreensão de outro ponto fundamental – a questão da eficiência e validade dos psicoestimulantes. A profunda propagação e a ampla aceitação dos diagnósticos de TDA/TDAH e suas respectivas formas de tratamento

– Ritalina, Adderall etc. – transformaram certos elementos dessa discussão em pontos indiscutíveis. Um exemplo disso é a questão da eficiência desse tipo de fármaco – na maior parte dos debates relativos a tal assunto, muito pouco é questionado a respeito dos reais efeitos potencialmente “positivos” fornecidos provocados por tais remédios. Entretanto, um olhar um pouco mais minucioso para a dinâmica dos atores sociais e da construção de fatos no âmbito da psiquiatria biológica revela que a situação é um pouco diferente. Isso fica evidente na fala do psicólogo Steve Hinshaw extraída do documentário (1h20min): “Chegamos à terra das controvérsias.”

Corroborando a argumentação de Latour, “Take Your Pills” nos mostra que a ação de acompanhar as associações construídas pelos atores sociais imersos no mundo da ciência psiquiátrica indica que certos elementos considerados fatos (a eficiência dos psicoestimulantes, a existência de TDAH etc.) estão, na verdade, a todo momento inseridos em processos de profundas discussões e controvérsias. É exatamente isso o que nos aponta o experimento, relatado no documentário, realizado por Martha Farah, do laboratório da Universidade da Pensilvânia. Neste teste, diversos estudantes eram medicados com placebo ou Adderall e submetidos a avaliações de aprendizado durante um certo período de tempo. Os resultados são surpreendentes: não houve a verificação de nenhuma diferença significativa entre o Adderall e o placebo, exceto por um aspecto – a avaliação dos próprios estudantes sobre uma possível melhora no seu desempenho. Dessa forma, tal resultado abre a possibilidade de uma nova conclusão acerca da eficiência dos psicoestimulantes: na verdade, tais fármacos não adicionariam nada à cognição – o único efeito proporcionado por eles seria a criação, no usuário, de uma sensação de que se está mais atento, mais proativo etc.

Ademais, o acompanhamento do desenrolar das controvérsias também pode nos conduzir a campos e questões mais abrangentes aparentemente não relacionadas ao âmbito da psiquiatria biológica, evidenciando a conjunção de elementos heterogêneos na construção de fatos. Em “Take Your Pills”, as falas de Steven Hinshaw evidenciam exatamente isso: o aprofundamento das discussões sobre o aprimoramento cognitivo através de psicoestimulantes pode ligar aqueles que as acompanham a debates mais gerais sobre fundamentos éticos e condições de igualdade, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o presente ensaio teve como objetivo desenvolver uma espécie de “olhar duplo” sobre a obra e a bibliografia trabalhada. Neste sentido, acreditamos que os dois materiais podem se iluminar reciprocamente de maneira potencialmente reflexiva. Por um lado, informado pelas elaborações teóricas de Nikolas Rose, Bruno Latour e demais autores, conseguimos extrair do enredo de “Take Your Pills” observações de considerável valor crítico. Por outro lado, a análise da bibliografia sugerida à luz do roteiro elaborado pelos produtores do documentário se torna potencialmente mais rica, assim como também adquire novos formatos pelos quais pode ser expressa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. Ubu Editora LTDA-ME, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. [S.I.]. Editora Boitempo, 2016.

DUNKER, Christian. Reinvenção da intimidade. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

_____. Uma biografia da depressão. São Paulo: Planeta, 2021.

EHRENBERG, Alain. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2010.

FOUCAULT, Michel. Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Editora Vozes Limitada, 2015.

LATOUR, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.

[S.l.] Editora Unesp, 2000.

LEADER, Darian. O que é loucura. Delírio e Sanidade na vida cotidiana (1a ed). (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

PETERS, Gabriel. A virada praxiológica. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 123, p. 167-188, 2020.

_____. O novo espírito da depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 21, p. 71-83, 2021.

ROSE, Nikolas. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. [S.l.] Editora Paulus, 2013.

SACKS, Oliver. Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais. Editora Companhia das Letras, 2006.

TAKE YOUR PILLS (2018). Alison Klayman. 87 minutos.

TRABAL, Patrick. A questão do "tempo dos atores" na sociologia pragmática. Contemporânea, v. 2, n. 1, p. 187-202, 2012.